

BIBLIOGRAFIA

CRÍTICA

As ciências sociais em transição

GUERREIRO RAMOS

SE o mais "up to date" estudioso da sociologia, morto há vinte anos, ressuscitasse, hoje, experimentaria ao tomar conhecimento da presente situação desta ciência, a sensação de uma pessoa estrangeira em terra estranha.

O seu escândalo seria decorrente de duas verificações. A primeira é a de que a sociologia, em nossos dias, emancipou-se inteiramente do impressionismo e conseguiu colocar os problemas sociais, num plano intelectual tão alto que racionalizou o que o homem comum sentimentaliza.

A objetividade que se tornou possível, atualmente, no tratamento das questões sociais, deixaria em pânico o nosso homem, pois há vinte anos, os resíduos ideológicos e éticos ainda não estavam, de todo, eliminados do corrente pensamento sociológico, em que pesem aliás, as contribuições neste sentido, de Sumner, Durkheim, Simmel, Max Scheler, Max Weber e Freud.

Esta objetividade da técnica sociológica é devida, em grande parte, a um conhecimento da exata importância dos fatores irracionais na configuração das situações, de que são exemplo, entre muitos outros, trabalhos como "The Gang", de Trasher; "Delinquency Areas", de Clifford Shaw; "The Ghetto", de Louis With; "Family Situations", de James H. S. Bossard e Eleanor S. Boll; "The Professional Thief", de E. H. Sutherland; "The Fear of Freedom", de Erich Fromm; "Predicting Success or Failure in Marriage", de E. W. Burgess e L. S. Cottrrel.

A segunda verificação é concernente à causalidade sociocultural. Neste terreno, as transformações foram mais radicais e mais recentes ainda. Ocorreu, aí, a substituição da teoria unilinear pela teoria funcional, da casualidade.

A consequência disto é que a sociologia se tornou uma ciência altamente abstrata e de difícil abordagem. Se, há vinte anos, era possível o sucesso de escritores marginais, em nome da sociologia, pelo simples fato de emitirem opiniões e

pensamentos sobre assuntos sociais, hoje, a margem do êxito desta camuflagem, por mais engenhosa que seja, é praticamente nula.

E' verdade que, no Brasil, mesmo nos meios universitários, o "status" da sociologia ainda é muito baixo — o que, em parte, talvez seja uma sadia reação de um público duvidoso da autenticidade científica da maioria das publicações que, entre nós, se rotulam de sociológicas.

Em face disto, os jovens brasileiros que se dedicam a esta ciência estão obrigados a um rigor, à prova de qualquer suspeita, nos seus estudos.

Encontro num livro de um jovem sociológico brasileiro esta seriedade, nuncia de uma fase nova. Trata-se de "A transformação da lógica conceitual da sociologia" (Rio de Janeiro, 1947), do Sr. Mário Lins.

Esse livro está à altura dos mais avançados centros de estudos dos Estados Unidos, da Alemanha, do México e da Inglaterra e, indubitavelmente, é portador de uma contribuição original para o desenvolvimento da sociologia. Seu tema, um dos mais difíceis e debatidos, no momento, é desenvolvido com uma segurança no emprêgo de conceitos e um equilíbrio de expressão muito raros.

A matéria, tratada pelo autor em sete capítulos magistrais, refere-se a três problemas: o problema da integração da sociologia na unidade científica, o problema da teoria do campo na ciência, em geral, e na sociologia, em particular, e o problema da predição e do controle das forças sociais.

O revisionismo bem sucedido que subverteu, nestes últimos anos, a geometria e a física, principalmente, é um fenômeno cuja significação a sociologia do conhecimento poderá explicar, como sendo uma manifestação de uma estrutura social típica. Não é por mero acaso que as geometrias não euclidianas e a física não newtoniana não se tenham desenvolvido em organizações sociais como a da Índia ou a da China, mas uma decorrência do fato

de serem as formas de pensamento, socialmente elaboradas, e não produtos líquidos do esforço individual. Marcel Granet, em sua obra sobre "La Pensée Chinoise", mostrou êste impacto dos quadros sociais sobre a elaboração intelectual e Maurice Halbwachs, em "Les Cadres Sociaux de la Mémoire", estudou a sua influência no processo de memorização.

A transformação da geometria e da física não é, portanto, um episódio de importância restrita a apenas dois setores da ciência moderna, mas o sintoma de uma crise de todo o seu arcabouço. O revisionismo deve, pois, atingir a todos os departamentos do saber. Não tem outro sentido o empreendimento de Alfred Korzybski ("*Science and Sanity: An Introduction to Non-Aristotelian Systems and General Semantics*") e de sua numerosa equipe. A vocação do Sr. Mário Lins o levou para o tratamento destes assuntos. "A transformação da lógica conceitual da sociologia" é um esforço para integrar esta ciência, no moderno sistema do conhecimento. Para o autor, a dualidade — ciências da "natureza" versus ciência do "espírito" — só tem importância eurística. De fato, a realidade existencial "estrutura-se num contínuo espaço-temporal", e não, discretamente, em compartimentos cindidos e qualitativamente distintos uns dos outros, embora na estrutura interna dêsse contínuo — diz o Sr. Mário Lins — vários fenômenos estejam atuando, através de diferenciações, relativamente específicas.

Admite o autor, com Carnap, a tese da unidade das ciências e, portanto, que a variação da técnica operacional de cada uma delas, não significa uma rutura daquela unidade, mas mera adaptação da estrutura conceitual do conhecimento científico a um setor específico. O problema, no que concerne à sociologia é, assim, construir, em sua esfera, categorias e unidades conceituais que não sejam incompatíveis com as das outras ciências.

O Sr. Mário Lins vê, nas formas aristotélicas do pensamento científico, o obstáculo fundamental a ser superado, a fim de ser conseguida a integração das ciências sociais, na moderna estrutura do conhecimento.

O sistema aristotélico, que o prof. Donald Pierson diz ser produto da vida tribal grega (*Sociologia*, vol. VIII, n.º 3 — 1946) apoia-se numa teoria de "classes" ou "elementalista", segundo

Korzybski, isto é, baseia-se numa "subject predicate proposition" e, conseqüentemente, considera as coisas como imutáveis e, ainda que, em cada uma delas, uma essência inere à sua substância, estática (pág. 11). Para o Sr. Mário Lins, esta lógica representa uma modalidade de pensamento em direta ligação com os demais setores que constituem a sua matriz cultural e, portanto, supõe uma realidade existencial estática, donde a inclusão, em seu seio, de categorias imutáveis, não transitivas e relacionadas entre si.

A "matriz cultural" de nossa época é, porém, constitucionalmente diferente da grega. Esta matriz possibilitou uma nova cosmovisão, pela qual as "coisas" não são, simplesmente, meros suportes de "qualidades", mas também centros de relações, com capacidade de "troca" (pág. 13) Daí ter sido posta em evidência a inadequação instrumental da lógica aristotélica para representar a complexidade do real.

A teoria do campo ou situacional, baseada na predicalização das relações, tem-se revelado uma técnica operacional adequada para apanhar o caráter dinâmico da realidade existencial. As categorias aristotélicas, baseadas em conceitos de "substância-qualidade", "sujeito-predicado", "universal-particular", tornaram-se inoperantes para apreender o processo de "troca". Escreve o Sr. Mário Lins, a propósito: "A teoria do campo procura resolver êsses impasses ao admitir entre os seus conceitos uma relacionalidade interna, pela qual temos, não separações ou cisões qualitativamente absolutas, mas uma quantitatividade funcional de estrutura. As diferenciações passam, então, a ser relativas, podendo sempre em conseqüência ser superadas através de uma transponibilidade ("transponibility"). Daí a existência de uma gradual transição entre oposições, permitindo-nos uma interação conceitual unitária (páginas 29-30)".

Depois de colocar a problemática geral da teoria do campo, analisa as suas conseqüências na esfera da sociologia. O capítulo em que trata deste assunto é o mais feliz do livro e o que encerra a contribuição mais genuína do autor para o desenvolvimento da sociologia. Nêle, estabelecem-se um conceito e uma caracterização do campo, em sociologia, bem como se discriminam as suas propriedades e princípios gerais. Parece-nos, entretanto, suficiente e oportuno sintetizar a exposição